



resenha

**Ensaio – Orientações para a redação  
de um texto conceitual**

Gílson Rampazzo

Editora Giostri, 2017

192 páginas

# A oficina do Gílson, por escrito

Ronaldo Bressane

O leitor não se engane: esta é uma resenha abaixo de qualquer suspeita. Frequentei a oficina de escrita criativa de Gílson Rampazzo durante 7 anos, no Museu Lasar Segall. Portanto, além de mestre (e chefe – o ajudava a corrigir as redações do colegial no Equipe, onde ele dava aulas), Gílson é um amigo querido (e é por isso que não vou devolver aquela grana que ele me

emprestou, nos anos 90). Daí eu tratá-lo aqui, como seus milhares de alunos, por Gílson.

Feita a advertência, seria bacana tentar mostrar como, atrás da capa escura e do sisudo título *Ensaio – Orientações para a redação do texto conceitual*, reside não só um manual de redação como também um curso de escrita criativa e um tratado de ética. A propósito, não gosto nem da capa nem desse título – parece que o livro é sério, severo, solene. Longe de ser o caso. O livro está mais para um *Como escrever uma tese*, o clássico do Umberto Eco que estudantes de graduação e pós compram às pressas quando descobrem que precisam entregar em um mês uma monografia e não sabem como escrevê-la. Aliás, qualquer pessoa que saiba ler (não estou falando do atual ministro da Educação) concordará que as teses no Brasil são em geral muito mal escritas. Por um problema básico: aulas de redação são raramente ministradas no Ensino Médio e nunca surgem no currículo básico dos cursos de Letras. O que me parece algo tão desonesto quanto o programa federal Future-se.

No Brasil, a redação deveria, como a matemática, ser questão prioritária. Só pelos textões horríveis que vemos todos os dias no Facebook percebemos o quanto as pessoas não sabem redigir um mero bilhete para a faxineira (uma faxineira que trabalhou em casa me escrevia bilhetes sensacionais – duas páginas para descrever o infortúnio de quebrar um copo). Quem não sabe narrar a própria vida não é seu dono, assim como quem se sai mal na matemática na escola decerto hoje está no Serasa.

É bizarro não existir curso de redação na cátedra de Letras, usual nos EUA desde os anos 1950, daí ser frequente deparar com teses e monografias pessimamente escritas em lugares como a USP e a Unicamp. Felizmente, dezenas de cursos livres de escrita criativa e iniciativas como as do Instituto Vera Cruz, que criou um pioneiro curso de pós-graduação que ensina poesia, crônica, jornalismo literário, romance etc, vem formando turmas e mais turmas de escritores. Só que, muito antes disso, lá por 1967, o Gílson já ensinava redação em cursinhos pré-vestibulares, mais tarde estabelecida como disciplina curricular no colégio paulistano Equipe, de que foi um dos fundadores. Tiveram aula com ele todos os Titãs, Nuno Ramos, Antonio Prata, Chico Mattoso, Paulo Werneck. Sua grande sacada foi ensinar ficção. Afinal, a disciplina “redação”, conforme cobrada em vestibulares, está mais próxima da prosa de não ficção (por exemplo, “Discorra sobre as qualidades intelectuais do

ministro Abraham Weintraub”. Ah, não, isso aí é ficção mesmo). Ao introduzir narrativa, drama e lírica em aula, Gílson quebrava a solenidade característica da expressão “redação”. E se tornou, durante décadas, o principal professor de escrita criativa do país.

### Um manual, um tratado ou uma conversa?

Nas aulas de que participei, Gílson sugeria exercícios com palavras, e então nos levava à poesia, em seguida à escrita de cenas, daí às crônicas e por fim ao conto. Foi bem na época em que eu frequentava seu curso no Lasar Segall, entre 1988 e 1995, que Gílson escreveu este *Ensaio*. Assim é que se percebe como é fluida a passagem entre a ficção e a não ficção. Uma fluidez presente desde os primeiros manuais de *creative writing*.

Como todo caô, de *storytelling* a *coach*, o *creative writing* surgiu nos EUA. O primeiro cara a afirmar que a escrita criativa poderia ser ensinada através de técnicas – dinamitando a mistificadora tese da “inspiração” – foi ele mesmo, o pai de todos, Edgar Allan Poe, em *A filosofia da composição*, um ensaio que disseca o processo criativo de seu famigerado poema “O corvo”. Isso no século 19. No começo do século 20, se multiplicaram manuais de “como escrever” editados por escritores, e na década de 1920, a Universidade de Iowa começou seu Creative Writing Program, berço do programa de residência literária que existe até hoje – autores brasileiros como Sérgio Sant’Anna e Antônio Xerxenesky passaram por ali.

Como manual de escrita criativa, a grande novidade deste *Ensaio* é justamente a aproximação das técnicas da ficção para o interior da não ficção: a demonstração cabal de que mesmo bulas, manuais, teses, livros científicos e até textos burocráticos podem não só informar como também proporcionar prazer ao leitor. O gênero ensaio, afinal, é de todos o mais fluido – flerta com a autoficção, o jornalismo, a ficção, a pesquisa científica e a poesia.

Em tom de conversa, menos professoral e mais próximo a um amigo – aliás, a própria forma de sua prosa é em si uma aula de como escrever bem sem jogar holofotes e fogos de artifício sobre a falsa ideia de “escrever bem” –, Gílson aplica seu método dialético, que não prescinde da aproximação conflituosa entre ideias contrárias. Daí percebemos o livro

também como tratado de ética, pois Gílson é um clássico livre-pensador. Ele não se interessa por sustentar uma ideia que dê a palavra final: seu interesse é manter o diálogo, preservar a conversa acesa. Me lembro de que tínhamos, à época, diferenças de cunho político (eu era mais liberal e ele, como sempre, um marxista), porém, Gílson não optava por defender seu ponto de vista para trocar das confusões de um jovem aluno. Demonstrava a lição básica de todo mestre: saber ouvir para eventualmente aprender com os alunos.

Em *Ensaio*, com perfeita paciência e clareza luminosa, o autor vai abordando a estrutura, o tema e as diversas formas de praticar um ensaio. Na primeira parte, explica como realizar uma prosa de não ficção sólida e básica. Na segunda, desvenda uma série de estruturas para o ensaio: o linear, o não linear, o cíclico e suas combinações. Na terceira parte, Gílson estabelece diferenciais para a avaliação de um bom texto: o conteúdo, a estrutura do texto, a estrutura das ideias, a linguagem, a terminologia e, por fim, a gramática. Para o professor, o conteúdo está centrado justamente no questionamento de qualquer afirmação – um fundamento do ensaio, desde Montaigne, que lançava a célebre questão: “Que sei eu?”.

Por defender arraigadamente a postura crítica como indispensável à formação de qualquer cidadão, Gílson tanto se afasta de teses autoritárias como as do movimento Escola Sem Partido, que circula desenvolto ao redor do melífluo Weintraub, quanto se aproxima do método Paulo Freire, de quem sempre foi discípulo – e lembrando, em sua ironia fina, outro ótimo manual de redação, do escritor português Mário de Carvalho: *Quem disser o contrário é porque tem razão* (Porto Editora).

Ao final, entendemos que ética e estética, através da redação, são indissociáveis – não admira a balbúrdia do Governo Federal –, e que pensar criticamente, exercitando ideias contraditórias, é essencial para o funcionamento de um espaço democrático, seja a ágora, seja a sala de aula. “Posso estimular, relatar minhas experiências pessoais, definir e ordenar conceitos – enfim, escrever este livro, na esperança de que alguém (você) decida lê-lo e aproveite-se dele como um instrumento útil no exercício da sua inteligência. *Mas pensar por você ninguém pode*. No questionamento corajoso de si mesmo, você encontrará a exata medida de suas dificuldades e saberá trabalhar para superá-las”, escreve Gílson, que encerra o livro com inúmeros exercícios para o leitor.

Ao longo de todo o livro, sutilmente, Gílson compartilha sua experiência como... leitor. Aliás, como professor de escrita criativa, penso que, de todas as instâncias da aula, a mais importante é a indicação de uma bibliografia para os alunos. Nunca tivemos tantos e tão bons professores de escrita criativa dando aulas ao mesmo tempo – gente como Noemi Jaffe, Joca Reiners Terron, Marcelino Freire, Nelson de Oliveira, sem falar em Raimundo Carrero, João Silvério Trevisan e Luiz Antonio de Assis Brasil, estes últimos ensinando escrita criativa há décadas. Cada escritor deve sugerir a seus alunos um cânone exclusivo, diferente tanto das listas acadêmicas quanto das tendências literárias do último verão. A partir daí, fico imaginando a pluralidade e a diversidade de linhagens literárias que teremos nos próximos anos.

No livro do Gílson, pude reencontrar as referências que nos trazia em aulas, e que me norteiam, de algum modo, até hoje: João Cabral de Melo Neto, Mircea Eliade, James Joyce, Campos de Carvalho, Sílvio Lancellotti, Italo Calvino, Juan Rulfo, Osman Lins, Julio Cortázar, Rubem Alves, Octavio Paz, Adoniram Barbosa, Nietzsche, Shakespeare. Mas, de todas, a principal referência: tornar o ato de redigir uma leal, imprevisível e prazerosa conversa. ■

### Ronaldo Bressane

Escritor, jornalista e professor de escrita criativa. Entre seus livros estão os romances *Escalpo* (Reformatório) e *Mnemomáquina* (Demônio Negro), além dos romances gráficos *V.I.S.H.N.U.* (Companhia das Letras) e *Sandiliche* (Cosac Naify) – este último derivado de uma proposta do Gílson.